

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**BRAYAN BAIMA SILVEIRA**

**PRAÇA DIGITAL CRISTO REDENTOR E A DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE  
DE UM FRAGMENTO DO ESPAÇO URBANO DE PARINTINS – AM**

Parintins – AM  
2019

BRAYAN BAIMA SILVEIRA

**PRAÇA DIGITAL CRISTO REDENTOR E A DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE  
DE UM FRAGMENTO DO ESPAÇO URBANO DE PARINTINS – AM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do Grau de Licenciada em Geografia, no curso de Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins CESP – UEA.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Tatiana da Rocha Barbosa.

Parintins – AM  
2019

*A minha querida e amada mãe: Josiane Santarém Baima que confiou e acreditou em mim, e hoje esse sonho se torna em realidade.*

## **AGRADECIMENTOS**

Antes de tudo sou eternamente grato a Deus, a razão de tudo isso estar acontecendo, sou grato por ter me conduzido até aqui com sabedoria e coragem, por ter me dado forças durante toda essa trajetória. Por tua bondade e misericórdia, que me cercam e encontram todos os dias.

Às duas pessoas que tornaram possível minha formação no curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas- UEA, que mesmo perante inúmeras dificuldades não desistiram de ajudar, contribuindo com o melhor que tinham, preocupando-se em não deixar me faltar nada, me incentivando e encorajando a continuar, minha mãe Joriane Baima e a minha vizinha Olga Maria Santarém que es minha outra mãe. Se não fossem vocês isso não seria possível. Não existem palavras que expressem minha gratidão e amor.

A minha querida orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Tatiana da Rocha Barbosa, que acreditou em mim e na potencialidade da minha pesquisa. Sou grato por confiar, por toda ajuda e incentivo para realização desse estudo. Por me direcionar e incentivar durante todo esse trajeto, sempre disposta e sendo uma ótima orientadora. Obrigada professora!

Aos meus colegas aos quais dividi quatro anos da minha vida meu primeiro grupo, pessoas maravilhosas ganhas na faculdade e que certamente levarei comigo sempre e sempre. São eles: Hulda, Dani, Carla, Helô. Ao meu segundo grupo composto por pessoas maravilhosas que me acolheram com muito carinho: Erick Marques, Jully, Elciane e Patrick. Quantos desafios, quantas madrugadas estudando, eu juro, não teria conseguido sem vocês.

Aos meus amigos, Mileno, dona Deyde, LoBianco, Elyan, Fabryne, Brenner e Aline que sempre perguntavam como estava o TCC me davam força e quando foi preciso me ralhavam. Advinham eu consegui e espero que estejam orgulhosos.

Enfim, a todos os que contribuíram de diversas formas para a realização desse trabalho ou trajetória como acadêmico.

Muito obrigado!

## RESUMO

As praças são um dos mais importantes espaços públicos da história das cidades. No decorrer da história humana a praça passa por várias mudanças no que se refere a seu caráter funcional e estrutural, hoje ela se apresenta como o lugar do encontro e do lazer, e em sua paisagem possui marcas que narram a história de um povo, testemunhando processos transformadores que ocorreram na cidade ao longo dos tempos. Pautado na ideia que a paisagem conta a história do lugar, o referido estudo faz uma análise da paisagem da Praça Digital Cristo Redentor, por entender que a mesma passou por diferentes transformações no decorrer de sua história. Este estudo tem como objetivo geral apresentar a Praça Digital Cristo Redentor enquanto paisagem (des)construída. Visando compreender seus processos de mudanças desde a sua criação, a partir da análise comparativa entre as transformações que houveram na paisagem. Para alcançarmos esse objetivo, primeiramente foi realizado levantamento bibliográfico, bem como aqueles que englobam os principais conceitos, sobre o espaço urbano, lugar e paisagem. Como base teórica temos as contribuições de Ana Fani Alessandri Carlos (2004), Roberto Iobato Corrêa (1989), Milton Santos (2008), entre outros. Realizou-se ainda, dois trabalhos de campo para obter informações bem mais aprimoradas sobre o objeto da pesquisa. A atividade de campo se dividiu em dois momentos, primeiro foi feita uma pesquisa de observação no lugar durante os diferentes períodos do dia, no segundo momento foi realizado 80 entrevistas com frequentadores da praça Digital Cristo Redentor. Partindo da análise do estudo, levantamos dados que mostram que devido as mudanças que a praça sofreu, houve uma perda de identificação dos usuários quanto a questão estética e paisagística, por tanto, ao se falar da paisagem urbana da praça constata-se que ela não apresenta mais as mesmas características da paisagem antiga que estão presentes na memória afetiva da população que costuma frequentá-la, e que para além disso os mesmos não se identificam com o novo nome da praça que passou a se chamar Praça digital Cristo Redentor que faz uma alusão a um novo que não é reconhecido por muitos habitantes da cidade de Parintins.

**Palavras-chaves:** Praça. Paisagem. Lugar. Espaço Urbano.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa Localização de Parintins.....	16
Figura 2. Mapa da Localização Da Área De Estudo.....	17
Figura 3.Reconstituição da Ágora De Atenas.....	28
Figura 4. Reconstituição do Fórum Romano.....	29
Figura 5. A Praça Ideal Na Cidade Renascentista, Seculo XV.....	30
Figura 6.Praça Place De L'etoile, Paris.....	31
Figura 7. Desenho da Povoação De Linhares,1879.....	32
Figura 8. Igreja de São Francisco, Salvador.....	33
Figura 9. Praça Digital Cristo Redentor Antigamente.....	39
Figura 10. Praça Digital Nos Dias Atuais, 2019.....	40
Figura 11. Estátua do Cristo Redentor No Início da Construção da Praça.....	42
Figura 12. Estátua do Cristo Redentor Na Década de 60.....	42
Figura 13. Estátua do Cristo Redentor Nos Dias Atuais, 2019 Figura.....	43
Figura 14. Praça Digital Cristo Redentor e a organização das Lanchonetes, Bar e Restaurantes.....	46
Figura 15. Praça Cristo Redentor e Suas Características.....	49

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Motivação de Frequência.....	44
Tabela 2.Elementos Que Apresentam Carência Na Praça Digital Cristo Redentor...	46

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Funções Sociais Das Praças No Brasil.....	35
---	----



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1. CIDADE E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO</b> .....	<b>13</b>
1.1 Paisagem Urbana e Suas Transformações Humanas .....	18
1.2 O Lugar e Seu Cotidiano Em Meio a (Des)ordem .....	21
<b>2. A HISTORIA DA PRAÇA NO ESPAÇO URBANO E AS SUAS FUNÇÕES SOCIAIS</b> .....	<b>27</b>
2.1 Espaços Públicos .....	35
2.2 Funcionalidades Das Praças.....	38
<b>3. A PRAÇA DIGITAL CRISTO REDENTOR ENQUANTO PAISAGEM RECONSTRUIDA</b> .....	<b>38</b>
3.1 Caracterização Do Usuário .....	43
3.2 Caracterização Do Usuário Quanto a (Des)construção da Paisagem da Praça Digital Cristo Redentor .....	47
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>51</b>
<b>ANEXO I</b> .....	<b>53</b>
<b>ANEXO II</b> .....	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

A monografia apresenta o estudo realizado na cidade de Parintins-AM e faz uma análise da paisagem da Praça Digital Cristo Redentor, por entender que a mesma passou por diferentes mudanças no decorrer de sua história, e com isso realizou-se a discussão sobre as transformações feitas pela sociedade enquanto agentes reprodutores do espaço e como essas refletem na paisagem urbana da mesma.

É evidente que as cidades em geral tendem a modificar-se conforme o passar dos anos, que construções aparecerão e conseqüentemente a paisagem vai se transformando. Porém, o que não deve ser deixado de lado é a valorização e conservação dos espaços simbólicos e lugares de memória, pois representa para a sociedade a materialização de sua história.

Portanto é preciso compreender a importância desses lugares dentro do espaço urbano, e muitas vezes estes desempenham, nas cidades, funções sociais, culturais, políticas e ambientais. Dentro disso as praças, consistem em um dos mais importantes espaços públicos da história das cidades.

Na evolução urbana, as praças representam uma singularidade determinante de registro vivo. Embora elas tenham seu uso modificado na história das cidades, e se perpetuam na dos espaços públicos. Desde a ágora grega, as praças vêm mantendo sua importância como espaço de sociabilidade. Entretanto constata-se que com o desenvolvimento da sociedade as praças do decorrer da história vêm sendo modificadas tanto em caráter funcional, como físico e paisagístico.

Com isso o presente estudo tem como objetivo geral apresentar a Praça Digital Cristo Redentor enquanto paisagem (des)construída. Visando compreender os processos de mudanças da praça desde a sua criação. E tem como objetivos específicos: verificar a praça enquanto lugar, averiguar como as pessoas fazem uso da praça, levando em consideração os aspectos físico-funcionais e estabelecer análise comparativa entre as transformações que houveram na paisagem da Praça do Cristo Redentor.

E os estudos bibliográficos que estruturam a reflexão teórica contida neste trabalho abordam três noções geográficas referentes ao lugar, paisagem urbana e praça. A noção sobre lugar serve de aparato para compreendermos seu conceito e significado e, principalmente, como as pessoas se relacionam com o mesmo e como podemos percebê-lo no cotidiano.

Os autores que embasaram as concepções teóricas do trabalho foram Ana Fani Alessandri Carlos (2004), Roberto Lobato Corrêa (1989), Milton Santos (2008). Para esses autores o lugar é onde ocorrem as relações sociais produzidas mediante a vivência no dia a dia, pode ser entendido como uma base da reprodução da vida e espaço da constituição da identidade criada na relação entre os usos.

Em se tratando da paisagem, os referidos autores estabelecem que paisagem urbana oferece para além das formas um movimento que está presente no vai e vem das pessoas, ditado pelo tempo, e que tem sons, odores e estão em constante transformações.

A praça é apresentada como o lugar do lazer, dos encontros dos amigos, um ambiente que faz parte da história do espaço urbano e é palco das relações sociais, e para compreendermos sua história, funcionalidades e estruturas usamos os autores como Zenilda Lopes Ribeiro (2005) e Julia Marques Caldeira (2007) que fizeram um grande trabalho sobre a trajetória das praças, a cerca de suas funções no decorrer da história humana.

Os procedimentos metodológicos adotados para a realização desse estudo seguem uma sequência que, primordialmente preocupou-se em fazer um levantamento bibliográfico, que se constitui de dados primários ou secundários que serão utilizados pelo pesquisador no decorrer da pesquisa. (FACHIN, 2006).

Esse levantamento bibliográfico foi realizado principalmente utilizando livros de referências que englobam os principais conceitos e dão suporte teórico para a pesquisa, além de consultas de informações técnicas em teses, artigos, monografias entre outras combinações científicas.

Portanto, a metodologia trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. O método utilizado na pesquisa é o dialético, que para Demo (1996), é método que fundamenta-se na dialética de Hegel, na qual as contradições se transcendem dando origem as novas que passam a requerer solução. Segundo Gil (2002), é um método de interpretação dinâmica e

totalizante da realidade, considera que os fatos não podem ser considerados fora do contexto social, político e econômico.

Posteriormente, com o objetivo de conseguir informações mais aprimoradas acerca do que se propõe estudar aqui, foi feita uma pesquisa de campo para verificação da hipótese e assim se chegar a resultados mais precisos. A atividade de campo se dividiu em dois momentos, primeiro foi feita uma pesquisa de observação no lugar durante os diferentes períodos do dia pela manhã das 6h às 12h, na tarde 15h às 18h e a noite 19h às 22h.

Através da técnica de observação a campo, podem-se coletar informações utilizando-se dos sentidos para a obtenção de dado aspecto a ser estudado, consiste, segundo Marconi e Lakatos (2010), não somente no ver e ouvir, mas analisar fatos que se deseja estudar.

E em um segundo momento foi feita uma entrevista com dois públicos alvos, com frequentadores da praça Digital Cristo Redentor com idade que vão dos 15 aos 30 anos, para colher informações a respeito da praça nos dias de hoje, e com frequentadores da praça com 31 anos de idade em diante, para colher informações sobre a praça na antiguidade ante da reforma de 2007 foi escolhido fazer com esse público por entender que podem dar informações em relação aos antigos usos da praça, características físicas para sabermos como ela se apresentava na paisagem urbana.

Após a realização do campo, as análises aparecem dispostas neste trabalho ao longo de três capítulos. O primeiro é direcionado para a revisão de literatura, apresentando a discursão sobre a história da cidade, como elas surgiram na história humana, e o que de fato é uma cidade, adentro também discute-se o que é o espaço urbano e como ele se reproduz, e a partir disso apresento a área de estudo do presente trabalho. A posteriori discute-se sobre a paisagem urbana e suas transformações humanas, e o lugar e seu cotidiano em meio a (des)ordem.

O segundo capítulo é aborda a história da praça, com isso faz-se um breve relato sobre da sua evolução ao longo da história, bem como a desenvolvimento das praças no Brasil e sua função como local de lazer. Apresento, também, a concepção de praças e as características principais que favorecem o uso dos seus espaços.

Por fim, no terceiro capítulo apresento o estudo da praça Digital Cristo Redentor, descrevendo suas características físico-funcionais, e sociais e um pouco

sobre sua história. Neste capítulo também analiso os dados da pesquisa e apresentando as considerações finais embasadas nos estudos teóricos e empíricos.

## **1. A CIDADE E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO**

Abordaremos a cidade como tema central de nossa discussão, e trataremos dos elementos de sua construção, tendo o espaço urbano como um processo e a cidade como a materialização dele. Segundo SPOSITO (1988), “se quisermos identificar a cidade, devemos seguir a trilha para trás[...],” (p.11) ao entender que a cidade não surgiu do nada e tomou forma e complexidade do dia para o outro, e sim que foi um processo gradativo dentro da história da humanidade, relevando a importância de conhecer os diferentes tipos de cidades que existiram, como afirma CARLOS (2003) “Existem condições históricas que explicam o surgimento da cidade e suas diferenciações espaciais” (p. 56)

O espaço foi produzindo dentro de um processo histórico, construído pela sociedade ao longo do tempo, e a cidade, por sua vez, é a materialização destas construções. Para tanto, é preciso compreender que nem sempre existiram as cidades, pois no período paleolítico ou idade da pedra lascada 8000 a.C. os homens eram nômades e viviam cada dia em um lugar diferente, outro ponto segundo Sposito (1988), é que nesse mesmo período foi que surgiu uma primeira manifestação de interesse do homem com o espaço do que depois vai ser cidade.

Essa manifestação era expressa no zelo com os mortos, os homens dessa época apesar de ter uma vida nômade, tinham uma atenção especial com os seus entes queridos, pois procuravam enterra-los em um lugar seguro. De acordo com SPOSITO (1988), “[...] é efetivamente no período seguinte o, o mesolítico 13.000 a.C. até 9.000 a.C., que se realiza a primeira condição necessária para o surgimento das cidades: a existência de um melhor suprimento de alimentos [...]” (pg. 12).

Depois com o passar do tempo no período neolítico ou idade da pedra polida de 8000 a.C. até 5000 a.C. os homens não se encontravam mais peregrinando, como nômades. Deu-se o início do processo de fixação do homem a partir da produção de pequenas vilas, onde cultivavam seu próprio alimento, com o plantio de vegetais e domesticação de animais. Neste momento, os homens passaram a se fixar produzindo aglomerados agrícolas.

Não podemos afirmar que esses pequenos aglomerados, possuem características suficientes para ser considerados cidades, mais que foram essenciais para o surgimento das primeiras, pois a mesma não é apenas designada pelo tamanho, forma e nem por números de pessoas à habitando, para Carlos (2003), a cidade é uma obra do homem e esta para além de ser apenas forma, tamanho e um aglomerado de pessoas, ao definimos devemos entender que a cidade é vida que possui conteúdo e essência, palco das relações sociais, é uma paisagem inacabada, ou seja metamórfica, produto de um processo que continua se reproduzindo de acordo com a transformação de sua sociedade.

Na cidade o espaço urbano se transforma a medida que a sociedade se reproduz. Corrêa, estabelece (1986), que ele é um reflexo das atividades humanas e das ações acumuladas ao longo de sua história é um espaço dividido em áreas residenciais segregadas fortemente desiguais, e extremamente mutável. Outro ponto para o surgimento da cidade seria organização social complexa que o lugar possui. Segundo SPOSITO (1988) “embutida na origem da cidade está o social: que exige uma complexidade só possível com a divisão do trabalho.” (p. 16)

Partindo disso as primeiras cidades apareceram na Mesopotâmia a cerca de 3.500 a.C. segundos estudiosos, afirma Sposito (1988), sabemos que as cidades precisam de uma organização social e política, que se dá pela divisão do trabalho, o que podíamos ver nas primeiras cidades na Mesopotâmia, que possuíam uma divisão hierárquica social, com diz SPOSITO (1988), “ As mais antigas cidades tinham em comum, além de sua localização nos vales de grandes rios, uma organização dominante de caráter teocrático [...], e um traço na sua estruturação do espaço; A elite sempre morava no centro.” (p. 18).

Com isso podemos perceber que o urbano tem sua explicação no social e no político, que se reflete na construção da cidade, como ela se produz e reproduz em um processo dinâmico, pois o espaço é mutável, dispondo de uma mutabilidade que é complexa, com ritmos e natureza diferenciados, Corrêa (1986). Apesar de não ser em uma escala tão complexa como é hoje, nas cidades antigas o espaço urbano já revelava um lugar que se reproduzia a partir de uma estrutura econômica, política e social.

Ainda na antiguidade temos na Europa os grandes impérios como Roma, segundo Sposito (1988), os impérios tiveram importância pois possuíam a divisão

social do trabalho, ampliação dos papéis urbanos, devido também a urbanização ter se estendendo-se pela Europa, com o aparecimento de outras cidades, essas características chama a atenção para uma divisão interurbana do trabalho, como afirma CARLOS (2003) “ Roma mantinha grande relação de interdependência com todo o império, a qual se vinculava-se tanto administrativamente [...], quanto economicamente- aproveitando uma vasta rede de estradas, e desenvolvendo um comercio intenso e variado” (p. 62). Pode-se ver que as cidades se ligavam por redes por um poder unificado.

Já na idade média as cidades perderam sua expressão na produção do espaço uma vez que nessa época durante o período feudal, a estrutura econômica era outra, segundo SPOSITO (1988) “a nível econômico, esse modo de produção tinha sustentação em dois “pilares”: a mudança do caráter dos latifundiários e a instituição da servidão.” (p.27) o poder político foi passado para os donos de terras chamados de senhores feudais, o qual ofereciam pequenas porções de terras a pessoas que não podiam pagar por elas em troca do trabalho agrícola que faziam na terra que era dada, ou seja, eram obrigados a dar uma parte de sua produção.

Durante o feudalismo houve retrocesso na produção do espaço urbano de acordo com Sposito (1988). A cidade começa a renascer a partir do século XI, CARLOS (2003) enfatiza que, “a cidade nasce no momento em que a economia autossuficiente (*sic*) do feudo do início da idade média transforma-se em uma economia monetária, com o comercio em expansão” (p. 63), do comercio que surgiram ao redor dos burgos e deles foram surgindo novas cidades.

Outro marco na produção do espaço é a revolução industrial, que a partir dos surgimentos de novas ferramentas tecnológicas e descobertas científicas, faz com que o espaço urbano ganhe nova dinâmica e que as divisões de trabalho fiquem mais amplas e complexas, ou seja, interfere também nas relações sócias. Segundo Carlos (2003), durante a revolução industrial faz com que as cidades seja um ponto de concentração de indústria e de uma grande massa populacional que saem do campo para a cidade atraídos pelas ofertas de empregos.

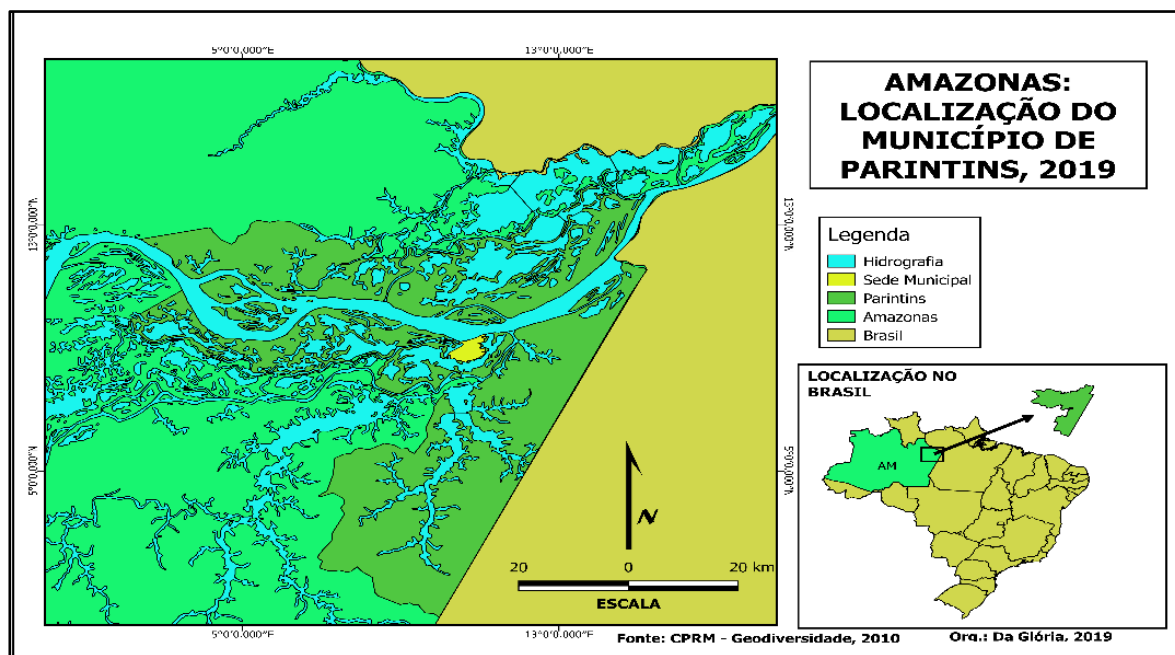
De acordo com CARLOS (2003), “a grande indústria com seus fluxos cria a história mundial, [...] transformando as relações dos homens com a natureza e com os outros homens através das relações monetárias e da criação de um novo modo de vida [...]” (p. 66). Portanto dentro da nossa discussão sobre a construção da cidade e

seus processos de formação até chegar os dias de hoje, apresento a cidade de Parintins-Amazonas que está inserida na lógica das produções e reproduções urbanas.

Parintins é um município brasileiro do interior do estado do Amazonas, localizasse na 9ª sub-região do baixo Amazonas com bases das disposições institucionais transitória, da constituição do estado do Amazonas de 1989. Está assentado em formações quaternárias e terraços holocênicos, possui uma área territorial de 5.952,378km<sup>2</sup> com densidade demográfica 17,14 habitantes/km<sup>2</sup>

Localiza-se ao extremo leste do estado a margem direita do rio Amazonas, distante 372 quilômetros em linha reta da capital Manaus, segundo IBGE é o segundo município mais populoso do Amazonas com cerca de 114.273 habitantes. Parintins faz limite ao norte com o município de Nhamundá e ao sul com município de Barreirinha, ao leste com o estado do Pará e ao oeste com o município de Urucurituba.

**Figura 1- Mapa Da Localização De Parintins**



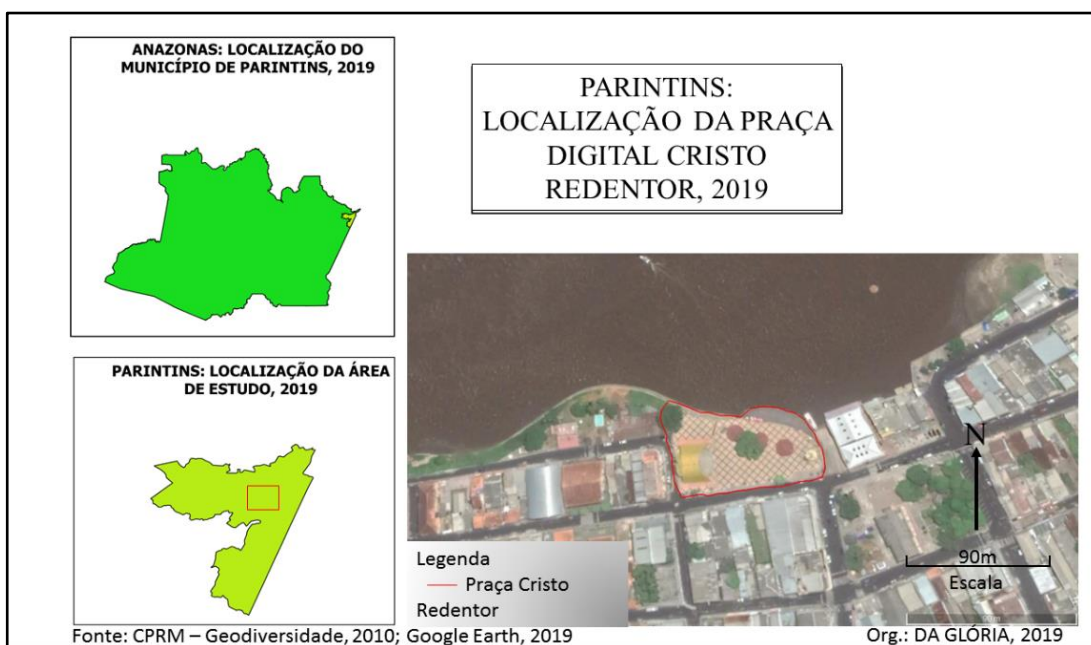
Fonte: CPRM - Geodiversidade, 2010

Org.: Da Glória, 2019



Nos referimos a cidade de Parintins, por trata-se da cidade onde encontra-se localizado nosso objeto de estudo, a Praça Digital Cristo Redentor, a mesma foi construída historicamente no ponto onde se iniciou o primeiro aldeamento de Parintins, surge em 1951 a praça Cristo Redentor, quando o então Governador Alvaro Maia doa para a cidade uma estátua do Cristo, na administração do prefeito Jesus Pinheiro (PREFEITURA DE PARINTINS, 2017). No (mapa 2) podemos ver a localização do nosso objeto de estudo.

**Figura 2- Mapa Da Localização Da Área De Estudo**



A cidade de Parintins vem passando ao longo de sua história por um processo de urbanização e as mudanças na sua morfologia já podem ser notadas, e a praça digital configura essa reprodução do espaço urbano, uma vez que a mesma passou ao longo de sua história por algumas reformas que iam alterando a sua forma original para acompanhar um processo de revolução e transformação, apresentando características do mundo moderno. Nossa discussão é voltada a construção da cidade, como ela se forma e os processos pelo qual elas passam durante a reprodução do espaço.

Visto tudo isso, a cidade aqui está sendo discutida como forma espacial, dentro de um processo urbano que é produzido e reproduzindo no decorrer do tempo, e feita devido a existência de uma estrutura social. Contudo, temos os agentes produtores

do espaço, que denominamos de agente sociais, que segundo CORRÊA (1989) são cinco: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos.

Cada agente deste é responsável pela produção do espaço urbano. Todavia, dentre todos, o Estado, que é um dos maiores responsáveis pela produção e reprodução do espaço urbano, ele funciona como uma grande empresa, e se relaciona com todos os outros agentes, e para além disso atua como cada um deles segundo Corrêa (1989), o estado pode atuar como um grande industrial consumidor do espaço, imobiliário, fundiário, sem deixar de fazer a gestão do uso do solo, sua principal função é reprodução do espaço público a forma como ele se organiza e se reorganiza.

O Estado também cria leis regulamentadoras do uso e ocupação do solo a sua ação na produção do espaço não é simples, temos uma serie de tarefas que dão complexidade as suas atividades. Não podemos pensar que a atuação do Estado é neutra e justa, assim como outros agentes ele também faz uma organização, ou melhor uma distinção nas classes, ou seja, ele segrega o espaço.

O espaço urbano é desigual, uma vez que temos um espaço fragmentado, apresentado de forma acentuada na paisagem, em específico com a segregação de moradias. Porém, apesar de ser fragmentado o espaço urbano é articulado, pois os mesmos agentes que segregam, se integram com outros em suas múltiplas relações.

Portanto, a cidade é uma construção do homem e que ao passar do tempo vem se produzindo e reproduzindo de acordo com as necessidades de cada sociedade e a mesma é construída através de um processo chamado de urbanização que atente à sua organização social, essas transformações que o espaço urbano sofre com o passar do tempo deixa suas marcas que podem ser observadas em suas paisagens.

### **1.1 Paisagem Urbana e Suas Transformações Humanas**

Ao estudar a paisagem, logo nos vem à mente, o belo, a natureza, cores, formas, mas para analisa-la é preciso entender segundo Carlos (2003), que ela está para além de suas formas e aparências, possui dinamismo, carregado de movimento, histórias, de vida sendo, portanto, reflexo das relações cotidianas do homem.

A paisagem segundo SANTOS (1988), “É Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, [...]. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores,

movimentos, odores, sons etc.” (p.21), a paisagem é muito mais do que o visível é a interação dos elementos que compõem o espaço, nela podemos ver a forma o conteúdo que a estrutura e sua funcionalidade, que lidam com alterações ao passar do tempo.

Ela também conta uma história por detrás de suas formas, segundo CARLOS (2004) “a paisagem contém mistérios, beleza, sinais, símbolos, alegorias, tudo carregado de significados, memórias, imagens impregnadas de história.” (p. 35), ou seja, a paisagem também nos oferece uma história que pode ser vista estampada em suas formas geradas por tempos diferentes ao longo de um processo de construção.

A paisagem evidencia o modo que o homem vem organizando o espaço, e como ele está sendo produzido. Por tanto, parafraseando Carlos (2004), precisamos saber que ela não é apenas prédios, ruas, carros, semáforos e praças e sim que existem diferentes tonalidades de cores que pode ser vista nos prédios, das placas de trânsito, sons que chegam a ser ensurdecadores das buzinas dos carros, do grito da propaganda do vendedor ambulante, das pessoas que passam apressadas, diferentes cheiros que agredem nossos sentidos e relações que se dão nestes espaços com suas múltiplas atividades, que conferem todo um dinamismo ao seu conteúdo.

Com isso, a paisagem urbana oferece para além das formas um movimento que está presente no vai e vem das pessoas, ditado pelo tempo. Pela manhã, os passos acelerados para chegar ao trabalho, a escola, no meio dia quando essas pessoas saem para seu horário de almoço e descanso e no fim da tarde voltando para a casa cansadas. Por esse movimento do dia-a-dia podemos observar diferentes paisagens o que Carlos (2003), chama de o ritmo da cidade, a expressão da vida na cidade, rica de relações que os homens mantem com o espaço e de suas relações enquanto membro de uma sociedade.

Esse ritmo é na sua grande maioria muito acelerado, faz com que a paisagem urbana se encontre em constante transformação, a paisagem ganha novas cores, formatos, novos usos Carlos (2003), afirma que essas mudanças são dadas pelo ritmo do desenvolvimento das relações sociais, a cada época o homem desenvolve novas formas de se produzir o espaço, cria novos símbolos, objetos e muda a forma de se relacionar com o mesmo.

Para SANTOS (1988), “Em cada momento histórico os modos de fazer são diferentes, o trabalho humano vai tornando-se cada vez mais complexo exigindo

mudanças correspondentes às inovações.” Partindo disso parafraseando Carlos (2003) a paisagem não é somente produto da história como também reproduz a história.

Podemos ver as mudanças nas paisagens urbanas oriundas das novas formas de produção Santos (1988), estabelece que as mudanças podem ser funcionais, entendidas a exemplo uma praça que durante o dia apresenta uma função e de noite outra totalmente diferente, e estruturais quando você muda totalmente a estrutura de certo lugar. Outrossim, são as grandes transformações que alteram completamente as estrutura e funções de determinado lugar extinguindo ou não seus antigos usos como afirma SANTOS (1988), “Há uma relação entre a estrutura sócio-econômica e a estrutura sócio-econômica e política. Alterações de velhas formas para adequação às novas funções [...]” (p.24).

Dentro disso, podemos elucidar o quanto a paisagem pode ser transformada, mudada em curto tempo, o novo faz com que haja uma metamorfose na paisagem urbana, os lugares estão sendo mudados constantemente, principalmente nas grandes cidades. Segundo CARLOS (2004), “isso fraciona-se o espaço e as relações do indivíduo; com isso, elimina-se as antigas referencias destrói-se a memória social e, como consequência, fragmenta-se a consciência urbana” (p.37), as relações sociais do cotidiano são pressionadas e muitas vezes acabam se perdendo devido a forma agressiva do ritmo do progresso da sociedade urbanizada.

Esse progresso revela no espaço urbano suas diferenças e desigualdades, manifestadas nos tipos de uso do solo no modelo de reprodução da cidade, que ocorre no ritmo acelerado e geralmente feito pela intervenção de um Estado capitalista que se preocupa apenas com a reprodução do sistema, Calos (2003) questiona se na cidade temos outras cidades, visto as grandes disparidades encontrada no mesmo lugar, produto de um modelo de produção que visa a acumulação do capital e a reprodução da força de trabalho.

A partir da paisagem urbana podemos observar essa questão, já que é fácil a percepção de que o espaço urbano apresenta contrastes, pois vimos que as paisagens urbanas são heterogêneas, se você pegar e dar uma volta pela cidade perceberá que os bairros são diferentes, tem os conjuntos, os condomínios arborizados que se diferenciam dos bairros periféricos com pouca infraestrutura e casas simples muitas vezes inacabada, segundo CARLOS (2003), “[...] a paisagem

urbana é um choque dos contrastes, das diferenças. Contrastes de tipo e diversidade de utilização do uso do solo.” (p. 40), essa diferenciação se dar devido a produção do espaço urbano que é feito de forma desigual.

A paisagem além de contar uma história ela manifesta o dinamismo de relações cotidianas que são marcadas pelo tempo e expressa diferentes formas de usos dos espaços. Que pode ser expressada através do processo de redução do espaço que é também o processo de reprodução da vida, vista nas relações cotidianas, ou seja, o viver, o habitar, uso e consumo.

Ao pensar a reprodução do espaço urbano, para além da paisagem ele nos permite avaliar também o lugar afixado por Carlos (2007), como sendo articulado ao processo de mundialização, que vem a se contrapor ao fator da historicidade particular do mesmo, portanto, ao mesmo tempo que ele apresenta aspectos de um processo mundial ele tem características particulares. Esses serão exterioridades que discutiremos no tópico seguinte.

## **1.2 O Lugar e Seu Cotidiano em meio a (des)ordem.**

O lugar é uma categoria de análise espacial da geografia. Primeiramente devemos entender que o espaço é complementar ao lugar, que segundo Carlos (2004), é a porção do espaço apropriável para a vida, ou seja, ao fazer uso de determinada porção do espaço agregando-o valor e conferindo-o sentido, o transforma em um lugar, pois é nele que acontecem as práticas corriqueiras do dia a dia.

O lugar é onde ocorrem as relações sociais produzidas mediante a vivência no dia a dia. Cada indivíduo vai criando sua identidade com o mesmo, ou seja, uma relação de identificação com o ambiente vivido que se torna um espaço familiar, de encontros e reencontros de lazer e de trabalho carregados de significações e singularidades próprias. Segundo, CARLOS (2004), “o plano do lugar pode ser entendido como uma base da reprodução da vida e espaço da constituição da identidade criada na relação entre os usos, pois é através do uso que o cidadão se relaciona com o lugar” (p.50).

A ciência geográfica como afirma Carlos (2007), vem abandonando cada vez mais a ideia de lugar apenas como um ponto de localização dos fenômenos, ou

traçados de coordenadas geográficas no mapa, e que nos últimos anos a concepção de lugar vem evoluindo junto a ciência geográfica, uma necessidade imposta pelas transformações do mundo. Segundo a autora “O lugar aparece como um desafio à análise do mundo moderno exigindo um esforço analítico, muito grande que dente abordá-lo em sua multiplicidade de formas e conteúdo, e em sua dinâmica histórica” (p.20). Ao pensar o lugar devemos entender que ele está presente, no dia a dia do indivíduo, no uso que esse mesmo faz do espaço, e como eles se fragmentam.

Dado a complexidade da análise, Santos (1993), diz que o lugar poderia ser definido a partir da densidade técnica, informacional, comunicacional e, também em função de uma densidade normativa, portanto, devemos entender o lugar “visto de dentro e de fora”, em sua dinâmica, que tipo de técnica faz parte da configuração daquele território, tecnicamente estabelecido o que chega o que sai, como é a interação entre as pessoas, quais são as regras normativas, e qual é papel delas como ponto de definição em cada lugar.

Dentro dessa discussão Carlos (2007), acrescenta que é preciso colocar em análise a questão do tempo, no evento do presente e do passado, o lugar contado uma história através do que foi produzido e do que está sendo produzido que pode ser percebido no plano do vivido, nas práticas cotidianas que se relaciona com o novo, ou seja, com a introdução do moderno. Como afirma CARLOS (2007), “significa pensar a história particular de cada lugar se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é o que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial” (p.17)

Portanto, primeiramente devemos entender o plano do local, as práticas corriqueiras, como o indivíduo se apropria do mesmo, as relações que mantem e as que se criam com o passar do tempo, seja a de ir todos os dias comprar pão na padaria da esquina, a ida a praça no fim da tarde, o dia a dia no trabalho. Carlos (2004), diz que através do corpo podemos sentir, pensar e se apropriar do espaço e assim podemos percebe-lo, ou seja, a partir do uso dos lugares. É importante entender também que a ideia de lugar e de pertencimento pode ser diferente de uma pessoa para outra, por exemplo a praça que um indivíduo vai todos os fins de tarde se encontrar com os amigos, pode ser somente uma praça sem sentido, significado e/ou uso para outra pessoa que passa todos os dias quando está voltando do trabalho.

Visto isso, devemos pensar a questão da espacialidade do lugar e como cada um o usa, qual é o sentido de pertencimento do mesmo para cada indivíduo e como ele se insere no seu cotidiano, a rua por exemplo, muitos vêem apenas como pontos de passagem de um lugar para o outro, porém a rua se analisarmos no plano do vivido podemos perceber que ela vem ser muito mais do que apenas um lugar de ir e vim, e sim que está para além disso, é o lugar do encontro e desencontros, do passeio do fim de tarde, e até mesmo do trabalho.

Como afirma CARLOS (2007) “[...] nas ruas o presente nos assedia, traz a marca dos itinerários às vezes dispersos, difusos ou mesmo concentrados definidos pela vida cotidiana.” (p.41), esse percurso mesmo que seja rotineiro, sempre nos vai apresentar histórias de vidas que não saberiam viver sem fazer isso todos os dias, sair pra rua, ir pro trabalho, ver as pessoas, o trânsito, aquele barulho das buzinas o tumulto de pessoas indo e vindo em meio aquelas que ali estão trabalhando. Assim, conferimos a rua o sentido de lugar da vida onde se expressa a vida cotidiana. Segundo Carlos, (2007). Outrossim, para ser discutido é que a rua também nos confere a questão de muitos a verem apenas como uma avenida, dando a conotação de que a rua é um lugar perigoso, sem muito sentido a não ser o de ir e vir.

Com isso, podemos entender que existe um cotidiano que vive em meio a contradições, onde podemos pensar porque alguns usos de certos lugares são diferentes, destacando a fragmentação do espaço, e porque aos hábitos e costumes estão se perdendo destacando a questão da inserção do novo, segundo CARLOS (2007), “A produção do cotidiano revela os conflitos humanos, as contradições da sociedade situadas no conjunto de problemas humanos de nossa época”. O que vem ser esse novo? O que ele causa ao se inserir na vida cotidiana de determinado lugar?

Entende-se que o lugar não é um espaço único e isolado e sim um pedaço único de uma totalidade, SANTOS (199), diz que “a totalidade é o conjunto de todas as coisas e de todos os homens, em sua realidade, isto é, em suas relações, e em seu movimento” (p.81), portanto, o lugar é um espaço único que faz parte de um todo, que está em relação mútua com outras partes de um todo para se tornar uma nova totalidade. SANTOS (1999), afirma “O todo é algo que está sempre buscando renovar-se, para se tornar, de novo, um outro todo” (p.82).

A partir de suas referências históricas que foram construídas no longo de um período, o lugar apresenta suas particularidades que estão articuladas com outros

lugares, ou melhor com o mundo e nessa relação sofre interferência imposta pelo processo de globalização. Segundo CARLOS (2007), “é evidente que o lugar se define, inicialmente, como a identidade histórica que liga o homem ao local onde se processa a vida, mas cada vez mais a “situação“ se vê influenciada, determinada, ou mesmo ameaçada, pelas relações do lugar com um espaço mais amplo” (p.21).

Portanto, o novo aqui apresentado seria o processo da globalização, por ser mundial, de várias ordens, tanto política, econômica e social, em seu formato mais visível a globalização está presente nas inovações tecnológicas e na velocidade que as mesmas se propagam no mundo. Parafraseando Carlos (2007), a globalização constitui um método que vem crescendo mundialmente em um ritmo acelerado, o mesmo não é tão recente, pois faz parte de um processo histórico, que hoje ela é a continuação, o qual ganhou novos rumos por isso confere a ela a dimensão de novidade, e compreende novidades na dinâmica econômica, política e social.

A globalização é como se fosse o ponto de partida para que todos os lugares se liguem em redes, a mesma é uma das maneiras que o sistema capitalista criou para se reproduzir, conectando os mercados, ou seja, ligando os lugares em rede, em busca de troca de influência, tanto política quanto econômica, outro sim é a mundialização dos lugares que seria imposição de costumes, valores, crenças, que são impostos em uma escala mundial.

Trata-se da reprodução de um modo de vida mundial, outra consequência desse modelo capitalista. Segundo Carlos (2004), “a mundialização é um projeto de transformação do mundo, [...] apresenta-se como uma tendência presente no mundo moderno [...]” (p.48). Entretanto, temos o lugar, que segundo Carlos (2004) é a extensão do corpo, são as práticas corriqueiras do dia a dia, desde do morar, pertencer a uma rua, um bairro, uma cidade, é a relação que a habitante troca com o habitat, a compra que faz no mercadinho da esquina, a visita a praça do bairro durante a tarde, são nessas praticas cotidianas que o indivíduo cria uma identidade com lugar e liga um com o outro.

Contudo é importante salientar que a globalização não acaba com o lugar, porem hoje em dia esse processo faz com que os lugares mudem, e se reproduzem em uma lógica mundial moderna para atender as necessidades do capitalismo. Segundo CARLOS (2004), “o tempo que se acelera em função do desenvolvimento da técnica, redefine as relações espaço e tempo da prática social e com isso redefinido as



relações do indivíduo com o lugar e no lugar” (p.50), ou seja, essas mudanças acontecem em um período muito rápido que acaba interferindo nas relações cotidianas do indivíduo com lugar e com as pessoas que usam o mesmo.

Essa modernidade projetada nas novas formas que o espaço urbano ganha, vai deixando um estranhamento das pessoas com o novo lugar que foi reproduzido, nesse sentindo o lugar que antes era carregado de sentidos referencias impressos pelo uso como afirma Carlos (2004), vai se tornando um espaço comum sem uma identificação de afetividade pelo indivíduo que perdeu as mesmas por um processo de modernização que deixaram uma arquitetura nova, bonita, porém sem sentido.

Segundo Carlos (2007), “desse modo os lugares da cidade se delimitam, se fecham, se tornam exclusivos”. Produz-se um espaço onde se limita cada vez mais rupturas entre os lugares do trabalho, e do lazer, revelando um novo uso, apresentando um espaço social, esse novo sistema influenciou como devo usar tal espaço, através dos novos objetos de consumo que o mesmo oferece, como a TV, computador, celular, tornando a relações costumeiras esquecida e talvez até mesmo inexistentes.

Hoje em dia esses objetos de consumo mudaram a forma como usamos o espaço, muita coisa que podíamos fazer pessoalmente, o celular e computador já podem resolver sem mesmo precisarmos sair de casa. Segundo CARLOS (2007), “o computador, por sua vez, tira as crianças das suas relações com as outras e da rua onde também já não podem brincar, para jogá-las diante de uma tela” (p.66), hoje é difícil os adultos levarem as crianças para irem brincar nas praças devido aos novos hábitos que estão sendo implementados aos lugares.

Os lugares passam pela normatização do cotidiano, mais é importante salientar que cada um possui seu tempo, e o modo com que o processo de mundialização é exposto depende segundo Carlos (2007), da cientificidade técnica do lugar, de suas particularidades, os mesmos não sofrem transformações no espaço assim de um dia para o outro, alguns lugares que possuem um tempo mais rápido e outros menos, além disso é importante saber que o mesmo não pode acabar com os costumes, hábitos culturais de um determinado lugar ele apenas interfere.

A “desordem” influencia o modo de vida na cidade, ela chama a atenção do habitante para refletir o lugar, e ao repensar sobre o mesmo, faz com que ele queira se apropriar daquele novo espaço construído, que em sua maioria apresenta

características que não proporciona identificação do mesmo com o local, por tanto, adapta o lugar para praticar seus hábitos costumeiros, buscando sempre um espaço de lazer, o querer brincar na rua, na praça da esquina que vem se perdendo devido o processo acelerado da globalização. CARLOS (2007), “a cidade é o lugar dos conflitos permanentes e sempre renovados, lugar do silêncio e dos gritos, expressão da vida e da morte, da emergência dos desejos e das coações, onde o sujeito se encontra porque se reconhece [...]” (p.73).

Portanto ao analisar o lugar, devemos ter um olhar para todos os possíveis fenômenos que estão presente ali naquele espaço pois segundo CARLOS (2007), “O lugar aparece como um desafio à análise do mundo moderno exigindo um esforço analítico, muito grande que tente abordá-lo em sua multiplicidade de formas e conteúdo, em sua dinâmica histórica” (p.20), pois o lugar possui um cotidiano que pode ser interferido por implementações de novas práticas impostas ao mesmo em um curto espaço de tempo, impondo-o a novas práticas e novos usos, porém cada lugar possui uma história que apesar de sofrer interferências universais tem no local sua próprio significado, como afirma CARLOS (2007), “é no âmbito do local que a história é vivida e é onde pois tem sentido” (p.20).

Segundo (SANTOS, 2006, pg. 217) “O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. O lugar, portanto, pode ser entendido como o lugar vivenciado, a das práticas corriqueiras, de ir na padaria durante amanhã, o trabalho, o caminho para a escola, a própria escola, a praça da esquina, onde eu posso fazer meu lazer encontrar meus amigos, isso é o lugar o qual através do meu corpo posso fazer uso dele.

## **2. A HISTÓRIA DA PRAÇA NO ESPAÇO URBANO E SUAS FUNÇÕES SOCIAIS**

Antes de começarmos a discutir sobre a história da praça precisamos entender o seu significado. PINTO (2003) expõe que a praça é um espaço aberto em meio ao espaço urbano, construído ou apropriado em um espaço vazio da malha urbana. Porém, não podemos perceber a praça apenas como um lugar definido para o encontro, tão pouco como um conjunto de formas por meio da estrutura e prédios que a circundam, mas sim a partir da análise do lugar onde está construída e as funções que a mesma exerce.

Entende-se que devemos pensar a praça tanto em sua forma física quanto em sua forma funcional. Entender a tipologia da mesma, pois teremos praças de várias formas, retangulares, circular, triangular, tudo depende do lugar que está sendo construída, também temos que analisar a função desta praça dentro do espaço urbano. Visto isso, é importante discutirmos sobre a história das praças os tipos que existem e suas funções de uso, o qual vai se transformando em cada momento na evolução da história humana.

A praça não aparece no espaço urbano do nada, ela possui uma história enraizada em contextos sociais e culturais da sociedade humana, desde a Ágora na Grécia antiga durante o século XV a.C., segundo Ribeiro (2008), Ágora era um espaço onde as pessoas se reuniam para tomar decisões sobre as coisas que eram de interesse coletivo, aconteciam assembleias e trocas de ideias, o lugar da prática da democracia. Para CALDEIRA (2007), “como espaço urbano, a Ágora constituiu a principal praça da civilização grega, representando o lugar de encontro dos cidadãos” (p.4).

É importante salientarmos a estrutura dessa praça grega, conhecida como Ágora, de acordo com Caldeira (2007), era lugar aberto e podia ser uma rua larga, rodeada de edifícios institucionais. Nos dias atuais, as cidades ainda copiam essas estruturas herdadas da sociedade grega. A praça se torna um ponto visível da malha urbana, um ponto aberto ou “vazio”, que em suas extremidades apresentam outros tipos de edificações urbanas. Os edifícios adjacentes podiam ser um templo, uma fonte, ou uma fileira de oficinas abertas para os que ali passavam, e onde em alguns dias da semana, ocorria a feira.

Portanto, na Grécia a *Ágora* é um espaço de uso coletivo que possuem um simbolismo muito importante para sociedade da época. Nos dias de hoje conhecemos esses espaços de uso coletivos como praça. Parafraçando Ribeiro (2008), com o passar dos anos a *Ágora* foi perdendo sua importância como um dos principais centros de decisões, dando espaço para os mercados que em sua esfera econômica passou a ser o elemento mais importante da cidade, e a praça se expande no que tange a usos, como o de reunião, de encontro dos amigos o momento de lazer.

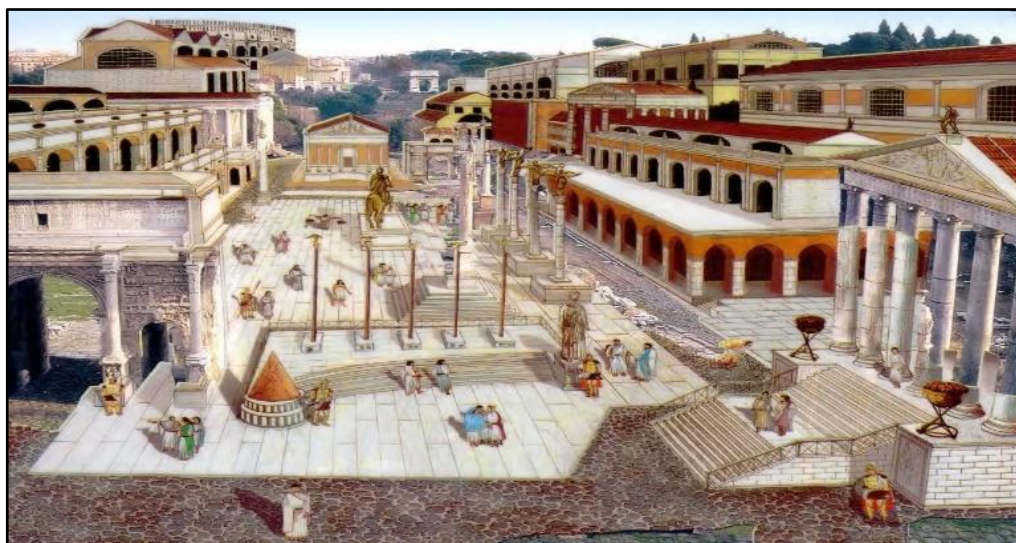
Na Roma 27 a.C. a “*Ágora* era para eles uma espécie de fórum, segundo Ribeiro (2008), com os romanos surge o Fórum que se diferenciava da *ágora* por seu traçado complexo, confuso, em que se misturam os edifícios destinados a diversas funções.” (p.30), ou seja, que servia como local de comércio e de política popular, além disso, era palco de apresentações de disputas atléticas e gladiadoras. O fórum ficou bastante popular e se difundiu em todas as grandes cidades na Roma durante o império. Na (figura 3) poderemos ver a reconstrução da imagem da *Ágora* na Grécia Antiga, e na (figura 4) uma reconstrução do fórum, na qual podemos perceber que as praças eram bem delimitadas pelos elementos monumentais.

**Figura 3- Reconstituição Da *Ágora* De Atenas - Século II a.C.**



**Fonte: The City Assembled: The elements of Urban Form through History**

**Figura 4- Reconstituição Do Fórum Romano**



**Fonte: Roma Antiga (GABUCCI, 200)**

Durante a período Feudal que se deu com a queda do Império Romano, o fórum deixa de existir pois a sociedade da época passa a viver em outro regime econômico, no caso, o agrícola, com Renascimento da cidade no século XI, segundo Ribeiro (2008), a praça nasce nos lugres livres que existiam entre os edifícios da cidade medieval edificadas em tornos dos burgos e assim formando as praças de mercado.

Segundo RIBEIRO (2008), “o mercado na Idade Média é um espaço aberto e público por excelência, era a principal razão da cidade como lugar de trocas e serviços, com funções importantes de comércio e reunião social”. (p.30) Com isso, percebemos a importância da praça para a sociedade medieval. Ela era o lugar das compras que ao serem finalizadas, serviam como referência para o encontro com os amigos que conversavam sobre as notícias do dia a dia.

As praças, devido as suas funcionalidades, como afiança Ribeiro (2008), torna-se parte integrante do planejamento urbanístico, aferindo valor funcional, político e simbólico. A praça, portanto, ganhou desenhos arquitetônicos e ficavam localizadas no centro da cidade e ao seu redor, os prédios importantes, como a igreja, edifícios públicos o mercado, era um lugar barulhento e bastante movimentado, a praça central funcionava como irradiadora de toda a vida urbana.

A (figura 5) reflete notadamente o conceito de cenário que o espaço urbano adquire já que nessa época o urbanismo torna-se planejado então cada elemento da

composição do cenário está devidamente posicionado seguindo a lógica da organização por parte dos urbanistas.

**Figura 5- A Praça Ideal Na Cidade Renascentista, Século XV**



**Fonte: La città ideale em Occident (VERCELLONI, 1996)**

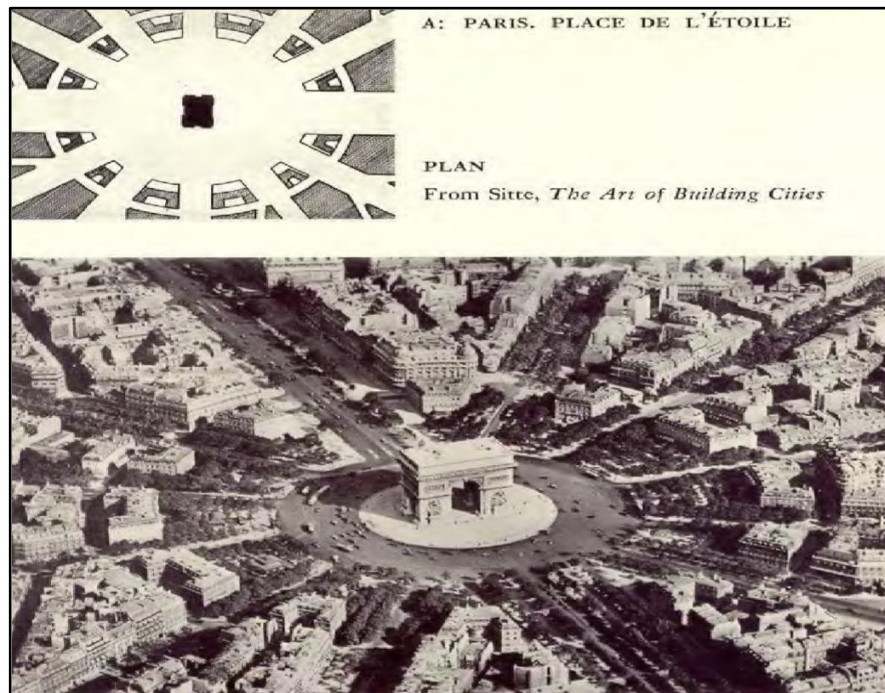
Hoje podemos observar que muitas cidades não acompanham mais esse modelo de praça central, segundo Ribeiro (2008), “a partir do séc. XVIII, as cidades europeias, Londres e Paris, iniciaram um processo de reestruturação em seus desenhos urbanos, como forma de controlar o crescente fluxo migratório do campo para a cidade” (p.33), com isso, se perde o modelo das praças medievais.

As praças europeias não eram mais o lugar da multidão e do mercado, e sim um ponto de passagem e tinham o intuito de afastar a população do centro. Com isso constroem-se lugares sofisticados e elegantes, uma vez que os projetos urbanísticos buscavam mais estética do lugar, do que suas funções a princípio.

Para Caldeira (2007), “o crescimento rápido e acelerado da cidade exige que as intervenções urbanas sejam abrangentes e não restritas a pontos específicos, como a configuração de cenários pontuais – surgem as estratégias globais.” (p.33) Essas estratégias tem que acompanhar o crescimento das cidades e as novidades tecnológicas da fase industrial. Essas mudanças na malha urbana refletiram nas praças, e a conferem a elas o papel de lugar de passagem, segundo Ribeiro (2008), esses projetos urbanísticos só visavam a circulação e a organização coletivas e as praças destina-se a serem apenas lugares abertos. Como podemos ver na (figura 6).



**Figura 6- Praça Place De L'etoile, Paris.**



**FONTE: Plazas of Southern Europe (KATO, 1990)**

Se pararmos para refletir podemos perceber que no Brasil existem praças com essas características que perduram até hoje, entretanto Caldeira (2007), diz que a praça na idade moderna parecia condenada a ser apenas um grande vazio no espaço urbano, contudo aconteceu uma nova intervenção urbana que passa a pensar a praça como um lugar de lazer, de uso coletivo, das áreas centrais, valorização das histórias e simbolismo culturais da sociedade.

Segundo RIBEIRO (2008) “a partir dos anos 1960, inicia-se, na Europa, um movimento de reflexão sobre o papel, a forma e a função dos espaços públicos” (p.32), nesse novo contexto a praça torna-se novamente palco das relações sociais. Com isso, percebe-se que na modernidade a praça retoma à cidade como o lugar de encontro, do passeio, lazer, de trocas, a ideia de coletividade estar presente e deixa de ser apenas um lugar de passagem de pessoas e automóveis. É importante discutir sobre a história das praças porque podemos ver a evolução e funcionalidade que cada sociedade agregou, até chegar aos dias de hoje e entender a influência das mesmas nos espaços públicos atuais.

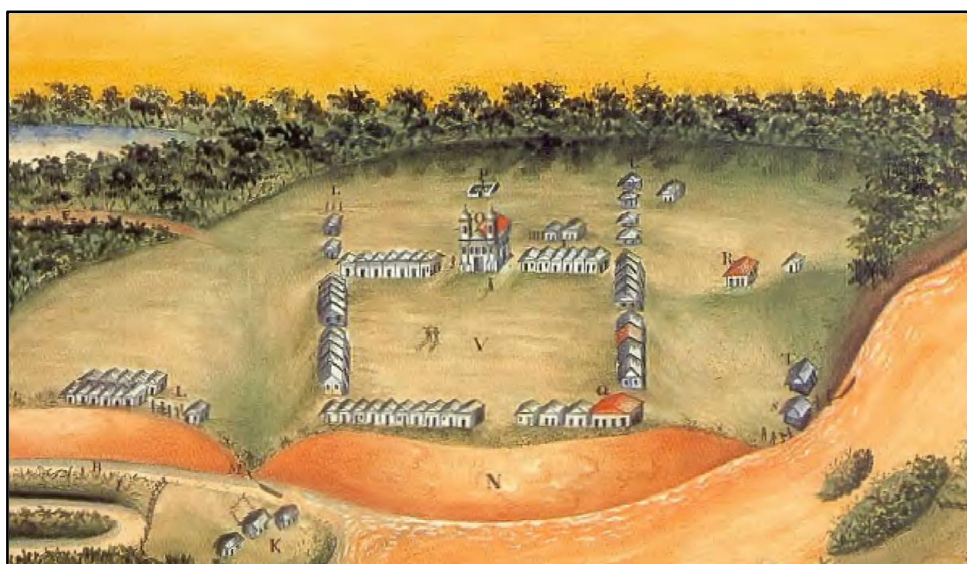
Já que entendemos que as praças brasileiras sofreram e sofrem influências desses modelos de construção urbanística, devemos agora fazer uma breve discussão sobre a história das praças no Brasil, como surgiu e seus processos e

transformações que passaram durante os anos desde as primeiras praças até os dias de hoje.

A esse respeito, RIBEIRO (2008), destaca que “as primeiras praças brasileiras surgem no período colonial, estando relacionadas à Igreja Católica. [...]. As igrejas assumem um dos mais importantes papéis na formação de nossas praças, compondo um cenário sócio-cultural (*sic*).” (p.33), na frente delas foram criadas as praças e ao redor as casas e os edifícios que compõe a vila e depois a cidade. Esse modelo de construção pode ser percebido em grande parte das cidades brasileiras, uma igreja na frente da cidade com uma praça e ao redor encontram-se alguns prédios públicos.

Parafraseando Ribeiro (2008), com o tempo as praças vão se tornando o centro da vida mundana deixando de ser apenas o lugar das procissões e das quermesses da igreja, e dando o espaço para a recreação, para o mercado, ganhando aspectos políticos e econômicos. Era o lugar onde a população manifestava sua territorialidade, onde os fiéis demonstravam sua fé, os ricos seus poderes, e os pobres sua pobreza, portanto, era onde tornava-se visível seus hábitos e costumes, um cenário cultural. Na (figura 7 e 8) poderemos ver essas características que estão sendo discutidas. (A figura 7) representa as vilas e cidades e a seguinte imagem uma praça religiosa da época do Brasil colônia.

**Figura 7 – Desenho Da Povoação De Linhares, 1879**



**Fonte: Imagens de Vilas e cidades do Brasil Colonial (REIS FILHO, 2000)**



**Figura 8- Igreja De São Francisco, Salvador**



**Fonte: [www.brasounds.hpg.ig.com.br/barroco.html](http://www.brasounds.hpg.ig.com.br/barroco.html) – mar/2006**

No decorrer dos anos percebe-se que as praças em muitas cidades brasileiras ainda apresentam essas características herdadas da época do Brasil colônia. Segundo Ribeiro (2008), durante o século XIX, as mesmas continuam localizadas em frente às igrejas e são onde geralmente acontecem os festejos religiosos, sendo, portanto, lugar de referência enquanto centro simbólico, tendo jardins compondo seu cenário.

As mesmas são conhecidas como praças sem árvores e ajardinadas, prezam em sua estrutura mais a questão estética do que a funcionalidades, Ribeiro (2008), menciona que estes modelos de praças marcam o período da separação da vida rural da urbana. Os campos, as matas ficam fora do perímetro urbano, o qual era marcado por um terreno limpo de chão batido e pouco arborizado. Lugares ajardinados e com árvores eram raros, disso surge as primeiras construções dos jardins públicos, o qual transforma o cenário urbanístico da cidade carioca, a exemplo da praça projetada por Mestre Valentim em 1779 a qual se chamou o Passeio Público do Rio de Janeiro.

As tipologias destas praças não se contrapõem a estrutura do modelo de praça anterior, mas afastam-se de suas funções de princípio, as praças ajardinadas deixam de ser a praça do mercado, das relações militares e políticas e sustentam a função de passeio e do descanso. Segundo RIBEIRO (2008), “estas transformações se intensificaram com a vinda da família real, em 1808. As campanhas de modernização, higienização e de embelezamento das cidades, influenciadas pelas

reformas urbanas em Paris e Londres [...]” (p.25), com isso esses modelos de praças vão se proliferando entre as principais cidades brasileiras.

Contudo, chama atenção que esses espaços deixam de exercer as funções do modelo colonial e passam a ser restritos ao passeio e a contemplação da natureza. No século XX, RIBEIRO (2008), explica que a sociedade começa a questionar esses modelos de praças principalmente a classe operária que não desfrutava destes espaços, que geralmente eram bastante elitizados. No mesmo período, por exemplo, as cidades brasileiras começaram a crescer devido ao processo de industrialização que, por conseguinte faz aumentar a atividade comercial, produzindo, por sua vez, transformações urbanísticas necessárias para atender essas mudanças no urbano das cidades.

Isso fez com que as cidades obedecessem a uma linha de funcionalidade, habitação, trabalho, circulação e lazer, portanto as praças vão sendo projetadas para atender essas funções principalmente a do lazer. Segundo RIBEIRO (2008) “implanta-se o lazer contemplativo com recantos sinuosos e lazer com atividades físicas, com quadras esportivas e espaço para recreação infantil denominados de *playground*” (p.37), observa-se que as praças modernas eram feitas pensando no lazer esportivo e cultural, na recreação ativa, no convívio social.

Entende-se no final do século XX que o espaço urbano nas principais cidades brasileiras começa a se reproduzir numa escala mais acelerada, há um crescimento populacional a cidade verticaliza-se e com isso, aparecem alternativas de lazer, fazendo com que os espaços públicos se esvaziem. Frente a este novo processo, Ribeiro (2008), explicita que as praças se voltaram para abrigar atividades comerciais, oferecendo serviços de lanchonetes, quiosques, camelos vendo seus produtos como se fosse feiras ao ar livre, e hoje em dia as praças atendem, mas por “praças de alimentação” do que espaços do encontro, das trocas de ideias, do passeio, do lazer e da recreação. O (quadro nº 1) sintetiza esse contexto histórico das praças brasileiras no que tange período e função.

### Quadro nº 1- Funções Sociais Das Praças No Brasil

PERÍODOS			
Colonial	Eclético	Moderno	Contemporâneo
Convívio social	Contemplação	Contemplação	Contemplação
Uso religioso	Passeio	Cenário	Cenário
Uso militar	Convivência	Lazer esportivo	Lazer esportivo
Comércio e feiras	Cenário	Lazer cultural	Lazer cultural
Circulação		Convívio social	Convívio social
Recreação		Recreação	Comércio
			Serviços
			Circulação

Fonte: Robba e Macedo (2002).

As praças até aqui foram apresentadas respeitando sua lógica de produção e funcionamento ao longo da história, levando em consideração, às manifestações pertinentes as mudanças que sofreram durante as transformações que a sociedade passou. As praças se apresentam como o espaço da vida social, do encontro, do passeio e até mesmo das trocas, um espaço de uso comum e coletivo, visto isso no tópico seguinte discutiremos o que são espaços de uso comum e coletivos e como eles se relacionam as dinâmicas das praças.

## 2.1 ESPAÇOS PÚBLICOS

Entende-se que na cidade existem lugares que são propriamente de uso coletivo, pode ser uma praça, um mercado, edifícios públicos, e que podem ser abertos ou fechados, esses lugares são estabelecidos como espaços públicos, como um bem de uso comum na sociedade. Segundo CALDEIRA (2007), “o uso do termo “espaço público” é recente e, nos meios urbanísticos, parece derivar do conceito de “espaço urbano”, frequentemente associado a uma função: espaço urbano da praça, do mercado, do teatro, da estação, etc.” (p.14), essa termo apresenta uma abrangência maior, pois caminha junto com outra dimensão que é a esfera do espaço privado.

O privado é a oposição dos espaços públicos, são espaço de uso restrito normalmente lugares fechados que podem ou não oferecer os mesmos serviços dos espaços públicos, porém oferecidos a um grupo seletivo, ou seja, os pagantes.

Acreditamos que haja outras concepções da definição de público e privado, mas usaremos a concepção de RIBEIRO (2008), “o que é mais comum é a definição da oposição entre o público e privado, em que o público é acessível a todos e o privado é o espaço restrito à família ou a determinados grupos.” (p. 26). Portanto, o público vem ser o espaço aberto geralmente usado pelo coletivo, seja esse coletivo a população de dado local, e o privado é o fechado, e restrito.

Dentro dessa discussão o mesmo autor, enfatiza a importância de não assimilarmos os espaços públicos, apenas nessa concepção, porque adverte que existem lugares abertos que não tem nenhuma relação com os espaços públicos e outros que são ligados com a vida pública, e que precisamos compreender a articulação dos aspectos que concretizam a esfera pública determina e normatiza a sociabilização dos e nos lugares.

Quando nos referimos que existem espaços livres e abertos que não podem ser compreendidos como espaços públicos, nos referimos a lugares que se utilizam de regras e aparatos de coibição, ou seja, você não pode fazer o que você quiser ou até mesmo não são frequentados por qualquer tipo de público que é o exemplo dos shoppings centers ao contrário dos lugares públicos que são regidos por leis que permitem a visitação de quaisquer que sejam para o uso comum.

A este respeito, RIBEIRO (2008), afiança que o “espaço público difere de espaço de uso coletivo. Embora muitos espaços sejam de uso coletivo, não são destinados a todos os grupos sociais [...]” (p.29). Porém, é importante que se estabeleça essas diferenças entre o espaço público e privado, e a diferença entre os lugares de uso comum a todos os cidadãos, e aos destinados a um determinado ou grupo seletivo.

Apropriamo-nos dessa discussão para analisar a praça como um espaço público e de uso comum, e essa temática é pertinente quando analisamos os usos dos espaços públicos, afinal, como bem menciona Ribeiro (2008), nem todos os espaços públicos, como ruas, praças, parques, espaços comunitários entre outros, apresentam os mesmos usos, apesar da conotação de espaços públicos.

Quando analisamos a atual dinâmica que as praças apresentam, observa-se a presença e ocupação da mesma por empresas da esfera privada para oferecer serviços de comércio, como restaurantes, lanchonetes e quiosques entre outros serviços, essas características são provenientes dos projetos alternativos criadas

perante a situação do afastamento da população dos espaços públicos em específicos das praças debatidas anteriormente. A questão aqui se trata dos espaços públicos que com a intervenção de setores privados perdem o sentido e afere toda uma simbologia cultural.

Quando ocorre a ocupação de empresas privadas dentro do espaço público faz com que a aquele local perca suas características de quando foi criado e acaba fazendo com que a população que usava aquele espaço crie um estranhamento e deixe de conferir sentido de pertencimento para com o lugar, mas em contrapartida pode chamar atenção de um novo público. Para Ribeiro (2008), essas transformações no cenário das praças ou de qualquer outro espaço público é um processo de degradação física e moral.

Portanto, aqui podemos analisar que o espaço público não se contrapõe ao privado. Ao contrário, eles são complementares, um depende do outro para existirem, e são as funções e uso que os conferem sentido. Ao tratarmos dos espaços públicos damos ênfase às praças e como elas são entendidas dentro do espaço público. No tópico seguinte, iremos ver quais são suas funções das praças e entender que as mesmas variam de acordo com o contexto histórico e social que está inserida.

## **2.2 Funcionalidades das Praças**

Ao longo da história da evolução das cidades, as suas funções foram alteradas significativamente. Das praças da Antiguidade às medievais, das renascentistas europeias até às atuais, todas possuem aspectos que as singularizam, entretanto, o caráter social de sua origem permaneceu. Por isso, quando falamos de suas funcionalidades podemos ver que são diversos e que em cada momento da história era tirado um e acrescentado outros.

Começamos esse capítulo falando sobre a história das praças e neles acompanhamos uma evolução do processo de urbanização que a praça se insere, uma vez que a definimos como um espaço aberto dentro da malha urbana. E que parafraseando Ribeiro (2008) as praças apresentam durante esses tempos de transformações a função do lugar do encontro, dos debates políticos, do mercado, dos palcos de apresentações culturais, da demonstração do poder político, militar e

econômico, do passeio, do lazer e da recreação. Podem-se analisar diversas funções e cada uma dessas pertencem a um momento da história da humanidade.

Visto isso, quando formos analisar as praças no que tange seus usos e funções precisamos compreender o contexto que está inserido, ou seja, em que momento da história ela foi criada, quais são suas funções, que mudanças sofreram e quais são suas influências sociais, pois segundo RIBEIRO (2008) “a função das praças é definida pelo modo como cada sociedade expressa sua vida coletiva e varia em consequência das mudanças sociais e históricas vivenciadas ao longo do tempo.” (p.45).

Na atualidade as praças sofrem influências do modo de vida que a sociedade urbana exerce. Estamos vivenciando nas praças funções variadas das quais se destacam a recreação, atividades físicas, do passeio, até mesmo as praças de alimentação, esses modos de vida assinalaram mudanças e novas configurações das praças.

### **3. A PRAÇA DIGITAL CRISTO REDENTOR ENQUANTO PAISAGEM RECONSTRUÍDA**

Neste capítulo apresentarei uma análise da Praça Digital Cristo Redentor, tentando estabelecer um parâmetro sobre sua transformação no tempo e espaço, com ênfase nas dinâmicas espaciais para assim podermos perceber as mudanças ocorridas na sua paisagem. A praça está localizada no centro da cidade de Parintins-AM delimitada pelas ruas Caetano Preste, Benjamin da Silva, Av. Clarindo Chaves, fica próxima de importantes prédios públicos e que fazem parte do espaço simbólico e histórico da cidade, como o Mercado Municipal Leopoldo Neves, e o antigo prédio da prefeitura.

A praça Cristo Redentor como era chamada na época, é um dos primeiros núcleos da cidade de Parintins, ocupa um lugar especial na memória afetiva dos cidadãos parintinenses. Foi construída em 1951, no ponto onde se iniciou o primeiro aldeamento de Parintins, quando o então Governador Álvaro Maia doa para a cidade uma estátua do Cristo, na administração do prefeito Jesus Pinheiro (PREFEITURA DE PARINTINS, 2017).

Na gestão do ex-prefeito Lourival de Albuquerque Filho (1956-1959), a praça ganhou calçamento, Jardim e iluminação. Em seu entorno encontrava-se moradias de

famílias tradicionais como Melo e Cohen, no setor da economia abrigava os empreendimentos como a casa ideal do comerciante Lico Mendes, um dos primeiros da cidade, e o posto Rio de propriedade da família Faria, a sede das organizações Maia e CANTEL, antiga torre de telefonia (PREFEITURA DE PARINTINS, 2017).

Em 1969, na gestão de José Esteves, o local passa por um processo de urbanismo e já ganha características da modernidade, e em 2007 a praça passa por novas reformas na gestão de Frank Luiz da Cunha Garcia, a qual teve maiores transformações paisagísticas tornando-se como hoje é conhecida, Praça digital Cristo Redentor. Nesta reforma ergueram a imagem original do Cristo em cima de um totem em memória aos seus ancestrais (PREFEITURA DE PARINTINS 2017).

Visto isso, apresentamos uma praça que passou em sua história por alguns processos de transformações em sua paisagem, queremos chamar atenção para última modificação ou projeto de reforma que a mesma passou, tendo em vista que até o nome do lugar foi alterado visando destacar que se tratava do novo, entendido pelos gestores como o moderno. Modernidade que desprezou os aspectos simbólicos e culturais da praça.

Nas (figuras 9 e 10), teremos a imagem da praça no século XX e a mesma nos dias atuais, respectivamente. Nelas poderemos analisar o quanto a paisagem da praça foi transformada. Carlos (2007) menciona que a paisagem conta uma história e que partir dela podemos ver as marcas do tempo. Com isso, podemos fazer uma reflexão deste lugar através de sua paisagem, uma vez que a mesma passou por uma transformação muito grande.

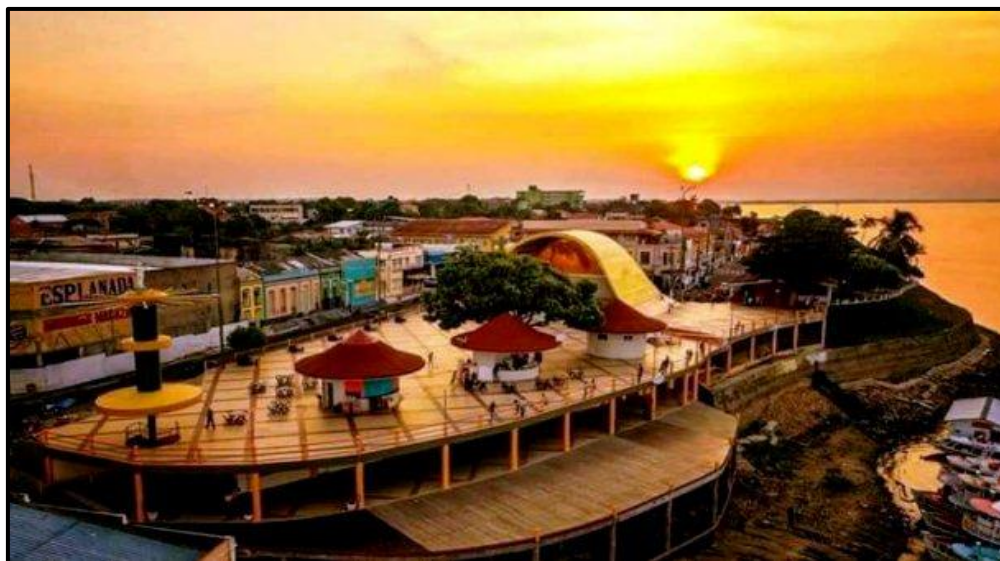
**Figura 9. Praça Digital Cristo Redentor Antigamente**



**Foto: Acervo Ellen Conceição**



**Figura 10. Praça Digital Cristo Redentor nos Dias Atuais, 2019**



**Fonte: Amazôni@contece**

**Foto: Internet**

Visto isso, podemos perceber (figura 10) que a praça sofreu mudanças em sua paisagem se fizermos uma comparação com sua antiga paisagem (figura9), portanto, pode-se se dizer que a mesma não atendeu os parâmetros exigidos no Plano Diretor do município de Parintins, DECRETO Nº 375, de 05 outubro de 2006, no que tange o capítulo 2 que fala sobre a Paisagem Urbana e o Uso do Espaço Público, no Art.10. Que define que as paisagens urbanas, entendidas como o cenário da cidade, resultante da interação entre os elementos naturais, edificados, históricos e culturais precisam ser preservados e ordenados, conservando a estética da cidade.

Os reflexos dessas mudanças podem ser observados mais claramente, quando olhamos para praça hoje. São poucos os símbolos pretéritos estampados na praça. Logo em sua inauguração em 2007 a praça foi divulgada como a primeira praça digital do norte do país, por oferecera sinal de internet. Logo, num primeiro momento, ela se apresentava como um mais novo ponto turístico da cidade, mas será que a mesma apresenta características turísticas? Podemos chama-la como ponto turístico da cidade de Parintins? O presente trabalho não visa responder essas questões mais deixa essas reflexões para instigar futuras pesquisas.

Caracterizando a praça podemos dizer ela é um lugar para encontros, para observar o pôr do sol no fim da tarde. A mesma conta com um palco que fica localizado



no lado oeste da praça, no qual a acontece apresentações culturais, tanto religiosas, como folclóricas, e festas organizadas pela prefeitura, como festa de final de ano, aniversário da cidade, o palco também é utilizado por grupos de danças urbanas que ensaiam nele em alguns dias da semana. A praça possui dois pavimentos oferecendo serviços de lanchonetes, bares e restaurantes.

Na área superior, os serviços de lanchonete, e na inferior tem um píer também com bares e restaurantes. Na verdade, são boxes que apresentam a mesma estrutura, porém uns funcionam como bar e outros como restaurantes e até mesmo como bar-restaurante. No lado esquerdo a praça apresenta 06 seis bancos, no direito apenas 02. Há também, o parapeito, onde as pessoas ficam observando o rio.

A mesma conta com três escadas, uma na entrada de acesso pela rua Benjamin da Silva e as outras duas ficam no lado direito da praça que dão acesso para o piso inferior. Existem 4 banheiros distribuídos entre os pavimentos. Em meio as muitas modificações urbanísticas, a mais impactante é a ausência quase completa de arborização. O verde foi substituído pelo azulejo.

O monumento inserido na praça, a estátua do Cristo Redentor permaneceu, sendo reposicionado para o rio e as pessoas da cidade pouco o contempla. Ele foi direcionado para quem por Parintins chega ou passa. Ribeiro (2007) estabelece que os monumentos servem para compor a fisionomia urbana e transmitir a identidade de um povo, sua presença é determinante na imagem da cidade, sejam eles marcos sem finalidade de uso, mas com significação religioso, social, histórica ou cultural.

No início da construção da praça em 1951, a estátua do Cristo Redentor está no centro acessível aos olhos de quem fazia uso do lugar. Na década de 1960 a praça ganha calçamento, jardinagem, tem uma mudança na sua infraestrutura e a estátua, é inserida num totem maior dentro de um chafariz, ainda facilmente visualizado entre os frequentadores do lugar.

Nas figuras (11, 12, 13), observaram-se as imagens da estátua do Cristo Redentor, cada uma pertence a um momento da história da praça, pois ela está na paisagem e se apresentou de diferentes formas no decorrer do tempo, e por elas podemos compreender o processo de mudanças que ocorreram na praça, é importante salientar que essa estátua representa um símbolo cultural e afetivo na memória da população Parintinense.

Hoje a estátua do Cristo Redentor encontra-se em cima de um grande Totem, compondo a nova paisagem da praça distante das pessoas e, por sua vez, da cidade reforçando, portanto, os diferentes processos e transformações que paisagem apresenta ao longo do tempo e do espaço (figura 13).

**Figura 11. Estátua Do Cristo Redentor No Início Da Construção Da Praça**



**Foto: Acervo Ellen Conceição**

**Figura 12. Estátua do Cristo Redentor Na Década De 60**



**Foto: Acervo Ellen Conceição**

**Figura 13. Estátua do Cristo Redentor nos dias atuais, 2019**



**Foto: Rômulo Araújo**

Ao caracterizar a praça podemos compreender quais são os elementos que fazem parte da estrutura da mesma, e se analisarmos a (figura 10), entenderemos como eles estão distribuídos na composição da sua paisagem, no tópico seguinte iremos discutir os dados obtidos na atividade de campo, e a partir deles saberemos como os usuários da praça a caracteriza.

### **3.1 Caracterização do Usuário**

Foram entrevistados 50 frequentadores da praça Digital Cristo Redentor com a faixa etária de 15 aos 30 anos, dentre eles 39 homens e 21 mulheres, e no que tange a frequência de uso da praça, 18 pessoas disseram que não possuem uma regularidade em relação sua frequência a praça, isso equivale 30% dos entrevistados, 14 pessoas disseram que frequentam somente nos finais de semana equivale a 28%, 10 somente duas vezes por semana, que equivale a 25% e somente 8 pessoas frequentam diariamente o espaço da praça.

Constatou-se que a praça é frequentada por moradores de diversos bairros, inclusive dos bairros mais distantes. Entre os usuários mais assíduos, destacam-se os moradores dos bairros, São Benedito, Centro e Palmares, que são bairros mais próximos da praça. Verificou que entre os frequentadores da praça temos pessoas

que vem de bairros mais distantes como do Barrio da União, Itaúna 1, Pascoal Alágio e Santa Rita.

Em relação ao período de frequência se é pela manhã, tarde ou noite que costumam frequentar a praça, foi tabulado que 60% dos entrevistados frequentam durante a tarde, 40% a noite e 10% pela manhã, e então se verificou que durante o período da tarde a praça costuma ter mais pessoas visitando-a.

Para compreender a motivação que os leva a utilizar a praça, fornecemos aos entrevistados uma lista com oito itens para que pudessem fazer livre escolha e podiam escolher mais de uma opção, também tinha a opção de outros para adicionarem as motivações que não estavam dentro dos oito itens proposto. Os resultados são apresentados na (tabela 1).

**Tabela 1- Motivação De Frequência À Praça Digital Cristo Redentor**

<b>MOTIVAÇÃO</b>	<b>TOTAL</b>
Encontrar com os amigos	30
Usar os serviços de lanchonetes, bar e restaurantes da praça	9
Evento festivo	35
Trazer crianças para brincar	10
Passeio	30
Contemplação do rio Amazonas	36

**Fonte: Entrevistas**

**Organização: do autor**

Ao analisar os resultados da referida tabela identificamos que as maiores motivações dos entrevistados em frequentar a praça seria, a contemplação do rio Amazonas, 36 pessoas disseram que vinham observar o rio, disso podemos observar que os usuários da praça possuem uma relação com o mesmo a qual pode ser cultural, a outra foi, os eventos festivos, 35 dos usuários entrevistados costumam vim à praça quando tem alguma programação festiva, atrás dessa motivação vem a de encontrar os amigos, 30 dos entrevistados usa a praça como um lugar de encontro. As menores motivações foram, a de usar os serviços de lanchonetes, bar e restaurantes com 9 e trazer as crianças para brincar com 10.

Com isso, ao observar os dados nos chamou a atenção a questão de apenas 9 dos entrevistados costumarem usar os serviços de lanchonetes, bares e

restaurantes da praça, nos instiga uma vez que a praça apresenta em cada um dos pavimentos uma área para os lanches, bares e restaurantes. Portanto a serem perguntados sobre a sua frequência quanto ao uso dos serviços de lanches, bar e restaurantes da mesma, obtivemos o seguinte resultado, 2% usam constantemente, 16% raramente, e 82% nunca, conforme mostra os depoimentos dos entrevistados os serviços são caros podemos entender os motivos:

*Não é muito popular e os valores dos alimentos não são acessíveis, e faz com que eu não frequente esses serviços. (Entrevistado nº5);*

*Abrem muito tarde, e os serviço é lento e o preço não é acessível. (Entrevistado nº 9);*

*Não gosto do cardápio e é muito caro e o serviço não é dos melhores (Entrevistado nº 21).*

O píer da praça Digital fica na área inferior da praça, nela estão os boxes que oferecem serviços de bar e restaurante, funcionando nos três horários do dia, pela manhã oferecem serviços como café, almoço e durante a tarde e à noite oferecem serviços de lanchonetes e restaurantes, entretanto quando foi feita a entrevista com os usuários da praça obtivemos o resultado que grande parte não utilizam os serviços que essa área da praça disponibiliza, dos entrevistados somente 16% usufruem desses serviços, 24% frequentam o píer mais não utilizam esses serviços, e outros 60% não costumam frequentar o espaço. Conforme mostra no depoimento a baixo podemos ter uma noção do porquê de não frequentarem:

*Não costumo frequentar por causa dos restaurantes, eles colocam as mesas dele lá no píer e dar a sensação de ser um lugar privado, que só vai lá quem tem dinheiro e isso causa um desconforto, e tem algumas vezes que eles fecham lá para fazer eventos comemorativos. (Entrevistado nº5);*

*Costumo ir mais não para comer por que é caro, e sim só para ficar sentado lá, e ficar pegando vento é um lugar agradável e tem uma vista bonita do rio. (Entrevistado nº 15);*

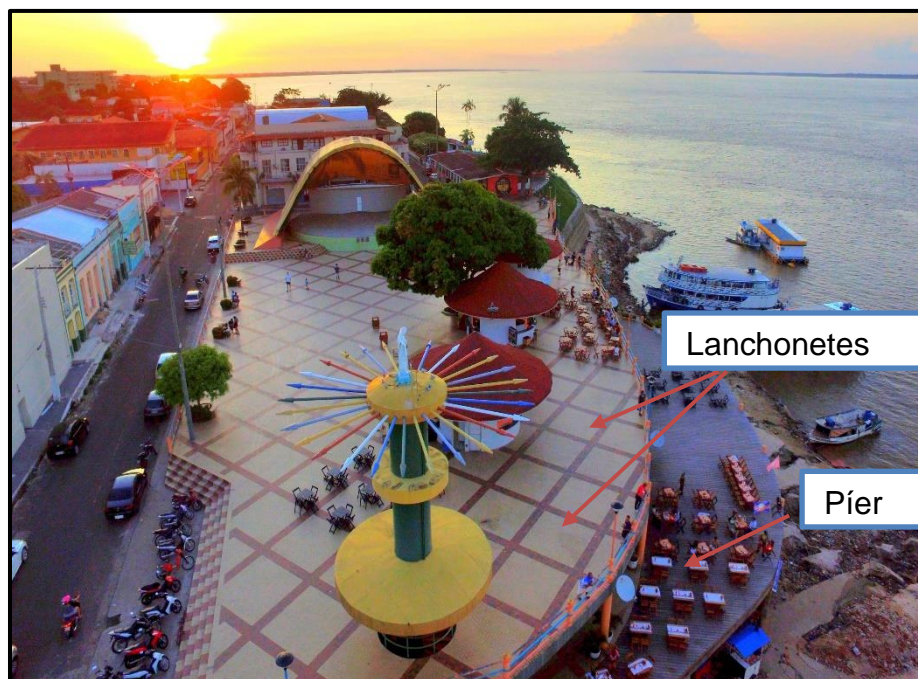
*Não vou porque é um lugar perigoso e sem proteção, prefiro ficar na parte de cima é mais agradável. (Entrevistado nº23)*

Nos depoimentos observa-se que na área onde ficam os lanches, bares e restaurantes, apresenta-se como um espaço privado, sendo dos proprietários dos boxes da praça que oferecem esses serviços, pois os mesmos colocam suas mesas e só podem sentar quem for pagar para utilizar estes serviços. Assim, a maioria dos usuários da praça não se sentem confortáveis, uma vez que o ambiente parece mais com um lugar privado do que público, na (figuras 14) podemos observar os dois



pavimentos da Praça digital Cristo Redentor, e perceber como estão organizados os lanches e bar e restaurantes na composição da paisagem.

**Figura 14- Praça Digital Cristo Redentor e a organização das lanchonetes, bar e restaurantes**



Fonte: Portalsumauma.com.br- Dez/2019  
Foto: Emerson Chagas

Na (tabela 2) podemos analisar os dados obtidos na pesquisa de campo em relação a carência na infraestrutura da praça, e observou-se que grande parte dos entrevistados relataram que a maior carência da estrutura física da praça deve-se à ausência de bancos, seguido de arborização e iluminação, banheiros e mesas foram os itens menos apontados pelos entrevistados.

**Tabela 2. Elementos Que Apresentam Carência Na Praça Digital Cristo Redentor**

<b>Elementos da estrutura física que apresentam carência</b>	<b>Quantidade</b>
Arborização	13
Bancos	16
Mesas	6
Iluminação	9
Banheiros	6

Fonte: Entrevistas

Organização: do autor

Ao perguntar o que você mais gosta na praça, os entrevistados sempre tinham a mesma reação: ficavam em silêncio e pensativos. Ao mencionarem a resposta, muitos destacavam o gosto em apreciar o rio, sentindo a brisa e observando a bela paisagem natural propiciada pelo rio Amazonas. Ressalta-se que os usuários podem até não ir pela contemplação do rio, mas em algum momento eles param para observá-lo.

Ao fazermos a caracterização dos usuários da praça, quanto aos usos que fazem da mesma, a motivação que os levam a frequentar e o que eles têm a dizer sobre a questão estrutural e funcional, foi possível fazer importantes reflexões que foram discutidas. No tópico seguinte iremos fazer a caracterização do usuário quanto a desconstrução da sua paisagem, para que se possa entender quais foram as identidades culturais que se perderam com a transformação na paisagem urbana da referida praça.

### **3.2 Caracterização do usuário quanto a (Des)construção da paisagem da praça Digital Cristo Redentor**

Para fazer a caracterização do usuário no que tange a (des)construção da paisagem foi aplicado outro questionário com outro público alvo, este com idade acima de 30 anos. Entrevistou-se 30 frequentadoras da praça Digital Cristo Redentor dos quais 09 tinham idade de 31 aos 40 anos, e 29 deles tinham entre 40 aos 60 anos, 11 mulheres e 19 homens em sua maioria moradores do Centro da cidade, e outros do bairro como Palmares e São Benedito e São José.

Dos entrevistados todos costumavam frequentar a praça antes da reforma de 2007, em relação suas frequências nos dias de hoje, 40% mantém o hábito de ir diariamente, 34% apenas aos finais de semana e 26% sem regularidade. O período do dia que se habitam a vir a praça é em sua grande maioria a tarde 45% vem a tarde e 35% a noite e 20% pela manhã. Em relação a identificação da antiga praça com a atual, todos se identificam com a praça antiga, e a descaracterização da paisagem da praça antes da reforma de 2007 mexeu completamente na paisagem da mesma que estão em suas memórias afetivas como podemos ver em seus relatos:

*Me identifico com a antiga, ela era mais simples porém era o retrato da cidade de Parintins (entrevistado n°2);*

*Com a antiga praça, porque quando criança vinha em família quase toda tarde e tenho boas lembranças daqui, como brincar de manja e bola (Entrevistado nº 11)*

A mesma coisa aconteceu com o nome da praça digital, dos entrevistados todos disseram que não se identificam com o nome atual, o qual foi acrescentado a palavra digital no nome e ficou praça Digital Cristo Redentor, como podemos ver nos depoimentos:

*Gosto mais do nome Cristo Redentor, e só a chamo por praça do Cristo, meus filhos conhecem como praça Digital e quando eu digo que vou na praça do Cristo eles ficam perdidos não relacionam o nome a praça. (Entrevistado nº 1)*

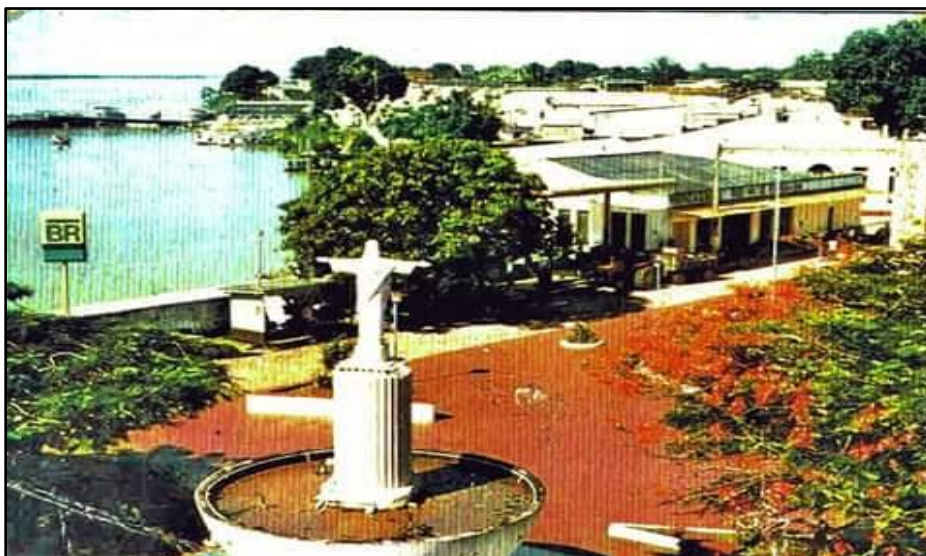
*Não gosto do novo nome da praça mais precisamos nos acostumar com as mudanças, mais u não consigo falar praça digital eu só falo praça do Cristo. Até porque de digital não tem nada, apenas o nome. (Entrevistado nº 3)*

Portanto, se percebe que a memória afetiva dos entrevistados é remetida à praça nos moldes anteriores a reforma apresentando, inclusive, resistência em relação a nova configuração urbanística da praça. Este fato pode ser constatado quando perguntado sobre as antigas características da praça que hoje não possuem mais. Entre os entrevistados, a maioria destacou a localização da estátua do Cristo Redentor e chafariz onde tomavam banho quando mais jovens, o mesmo não foi feito para essa função porem era uma pratica costumeira e que ficou na memória afetiva dos entrevistados.

Outros pontos da paisagem que eles guardam em suas memórias eram os comércios que existiam ao entorno da praça, como a Casas Pernambucanas, Posto Rio que era um posto de gasolina, Cactos bar, onde muitos dos entrevistados relatam que costumavam ir nos finais de semana com os amigos, as bancas de revistas e barraquinhas de venda de guloseimas e refeições, a rua que passava no lado direito da praça e hoje não tem mais, os lugares destinados para sentar, a arborização do lugar, o piso com azulejos coloridos e as pinturas decorativas em azul e vermelho. Na (figuras15) abaixo podemos ver algumas dessas características.



**Figura 15- A Praça Do Cristo Redentor E Suas Características**



**Foto: Acervo Ellen Conceição**

Ademais, os usuários ainda frequentam a praça embora não a utilizam com a frequência de antes, e nem mesmo da mesma forma, pois algumas das práticas costumeiras que a antiga praça oferecia, hoje com mudança em sua estrutura funcional elas não podem mais ser praticadas. Entende-se por isso, que houve uma perda de identidade com o local, uma vez que os usuários apresentam dados que nos faz ver a praça enquanto paisagem desconstruída.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Praça Digital Cristo Redentor é o objeto de estudo do referido trabalho de monografia, foi discutido aqui a sua história de formação, desde sua produção, em 1951 até os dias de hoje, é importante que tenhamos entendido que a praça passou por várias mudanças no decorrer do tempo, e essas transformações podem ter comprometido a estrutura física e funcional da mesma. E que para, além disso, a população tenha adquirido um estranhamento quanto a nova paisagem, e que isso, reflita na perda de costume dos usuários em frequentá-las por não se identificar com os novos elementos físico e estruturais da praça, e também a questão estética e paisagística.

Partindo da análise do estudo, devido às mudanças estruturais sofridas pela praça, houve perda de identificação dos usuários quando a questão estética e

paisagística, portanto, ao se falar da paisagem urbana da praça constata-se que ela não apresenta mais as mesmas características da paisagem antiga que estão presentes na memória afetiva da população que costuma frequentá-la e que para, além disso, os mesmos não se identificam com o novo nome da praça que passou a se chamar Praça Digital Cristo Redentor que faz uma alusão ao novo, ao moderno.

Entretanto, observou-se que não houve uma perda da frequência dos usuários, uma vez que continuam a frequentar a praça, porém muito não a utilizam da mesma forma que antes, já que a praça além de ter mudado na sua paisagem mudou também em sua estrutura funcional, então algumas práticas corriqueiras, como jogar bola, brincar de manja, tomar banho no chafariz, namorar de noite, encontrar os amigos não são mais realizadas pelos mesmos.

Alguns destes hábitos se perderam porque a praça não oferece características funcionais da antiga construção e também, porque hoje o lugar é muito perigoso. Quanto a praça Digital Cristo Redentor na atualidade podemos dizer que é um espaço que recebe muitos usuários durante o dia, a sua maioria no período da tarde. Todavia, a noite, as pessoas costumam vir encontrar os amigos, e observar o Rio Amazonas

Em duas atuais, a praça oferece serviços de lanchonetes, bares e restaurantes como uma de suas novas funções, porém constatou-se que estes serviços são pouco utilizados pelos usuários da praça, uma vez que apresentam um serviço que não é acessível economicamente pela maioria dos frequentadores.

Há também um palco onde se realizam algumas manifestações, culturais, religiosas, folclóricas e festas realizadas pela prefeitura, e esse palco também oferece uma nova função a praça, não que essas manifestações não acontecessem na praça antigamente mais que hoje elas acontecem em maior escala. Entre as observações realizadas, constatou-se que a maioria dos usuários costumam vir a praça quando tem festas organizadas pela prefeitura, como aniversário da cidade, festa de final de ano, festas carnavalescas entre outras.

É importante salientar que este estudo não responde em sua totalidade o que é a Praça Digital Cristo Redentor, portanto, deixamos em aberto futuras análises direcionadas ao lugar enquanto ponto turístico. Ademais, finalizo explicitando que a praça estudada é importante para a sociedade parintinense que deve ter seus símbolos culturais e históricos mantidos e não desconstruídos.

## REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR – 14724 Informação e documentação: formatação de trabalhos acadêmicos**. Rio de Janeiro, 2019.

CALDEIRA, Junia M. A **Praça Brasileira: trajetória de espaço urbano – origem e modernidade**. Tese (doutorado em história) – faculdade de história, filosofia e ciências humanas. Universidade Estadual de Campinas-SP, 2007.

CARLOS, A.F, **O Espaço Urbano: Novos Escritos Sobre A Cidade**-- São Paulo. Constesto,2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/ do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CORRÊA, R.L. **O Espaço Urbano**. São Paulo. Atica S.A.1989.

DEMO Pedro. Pesquisa: Principio Cientifico e Educativo.12.ed– São Paulo: Cortez, 2006.

FACHIN, O. **Fundamentos de Metodologia**. 5. ed. [rev.] – São Paulo: Saraiva, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**.4.ed.– São Paulo: Atlas, 2002.

MARCONI, M. de. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, M.C.S. (org).**Pesquisa Social: Teoria , Método e Criatividade**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

PREFEITURA DE PARINTINS. **Praça Do Cristo Redentor**. disponível em: < <http://www.parintins.am.gov.br>>. Acessado em: 25 nov.22. 2019.

RIBEIRO, Zenilda, L. **Praças e lazer: dinâmica de uso e apropriação de espaços públicos em Sorriso-MT** .Dissertação (mestrado em geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Geografia, Pós-graduação em Geografia, Cuiabá-MG 2008.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SPOSITO, M.E. **Capitalismo e Urbanização**. Disponível em:<<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>>.

\_\_\_\_\_.(2006) LEI Nº 375, de 05 de outubro de 2006. Regulamenta Plano Diretor do Município de Parintins e estabelece diretrizes gerais da política urbana e rural do Município e dá outras providências. Parintins: prefeitura do município de Parintins-AM

## ANEXO I

### Questionário de pesquisa de campo voltado para o Público jovem (15 aos 25anos)

Idade: Gênero: Masculino ( ) Feminino ( )

Entrevistado N°

Bairro:

1- Você costuma vir à Praça digital Cristo Redentor com que frequência?

- Diariamente
- Duas vezes na semana
- Somente finais de semana
- Sem regularidade

Se a resposta for de vez em quando durante o ano, porque?

---

---

---

2- Em que período de frequenta?

- Manhã  Tarde  Noite.

3- Por qual motivo você frequenta a praça digital Cristo Redentor?

- encontrar com os amigos
- usar os serviços de lanchonetes, bares e restaurantes da praça.
- evento festivo.
- passeio
- trazer crianças para brincar
- contemplação do rio Amazonas
- outros. Quais? \_\_\_\_\_

4- Quais são os eventos festivos que acontecem na praça que você costuma frequentar?

- Religiosos
- Folclóricos
- ou festas organizadas pela prefeitura municipal.

5- Com qual frequência você usa os serviços de lanches, bar e restaurantes da praça?

- Sempre
- Raramente
- Nunca

- Se a resposta for nunca, porque?

---

---

---

6- Você costuma ir à praça para observar o Rio Amazonas?

- Sim
- Não

7- Em relação a estrutura física da praça, qual é das opções a baixo você acredita que a ela apresenta uma carência?

- Arborização
- Bancos
- Mesas
- Iluminação
- Outros? \_\_\_\_\_

8- Você costuma utilizar o píer da Praça digital Cristo Redentor?

- Sim
  - Não
- Porque?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9- O que você mais gosta na praça?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## ANEXO II

### Questionário de pesquisa de campo direcionado ao público de 30 anos a diante que frequentam ou frequentavam a Praça Digital Cristo Redentor.

Idade: \_\_\_\_\_ Gênero: Masculino ( ) Feminino ( ) Entrevistado N° \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_

- 1- Você costuma vir à Praça digital Cristo Redentor com que frequência?  
 Diariamente  
 Duas vezes na semana  
 Somente finais de semana  
 Sem regularidade
- 2- Em qual período você costuma frequentar a praça?  
 manhã  tarde  noite
- 3- Você frequentava a praça antes da reforma de 2007?  
 sim  
 não  
-Se a resposta for sim, você se identifica mais com a antiga praça ou com a praça atual?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 4- Qual era a motivação que levava você a frequentar a praça?  
 encontrar com os amigos  
 usar os serviços de lanchonetes, bares e restaurantes da praça.  
 evento festivo.  
 passeio  
 trazer crianças para brincar  
 namorar  
 outros. Quais? \_\_\_\_\_
- 5- Você se identifica com o novo nome da praça (DIGITAL CRSITO REDENTOR)?  
 sim  
 não
- 6- Quais são as características que a praça tinha antigamente e que hoje não possui mais?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 7- Tem alguma pratica que você costumava fazer antigamente na praça e hoje não faz mais? se sim quais?  
 sim  
 não